



SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA

BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA



BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves.

10.

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. estudos & memórias 10. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 364 p.

Capa e contracapa: Victor S. Gonçalves e TVM Designers.
Capa: vaso «campaniforme» do escultor Francisco Simões, Edição Multiface 1/1500. Produzido em 1988 no Atelier Vasconcelos. Francisco Simões nunca tinha visto um vaso campaniforme autêntico. Contracapa: detalhe da superfície externa do vaso proveniente da necrópole do Casal do Pardo, sem indicação de gruta. MNA 984.670.53. Fotos Victor S. Gonçalves.

Paginação e Artes finais: TVM designers

Impressão: AGIR Produções Gráficas
300 exemplares

ISBN: 978-989-99146-5-0 / Depósito Legal: 435 925/17

Copyright ©, 2017, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2017.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 623 p.

SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA



BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

TÁBUA

Sinos, taças e coisas assim, junto ao oceano e mais longe. Algumas reflexões sobre a presença campaniforme em Portugal VICTOR S. GONÇALVES	6
O campaniforme de Alcalar no contexto do extremo sul ELENA MORÁN	28
Para uma leitura sociopolítica do campaniforme do Guadiana. Longas viagens com curta estada no Porto das Carretas JOAQUINA SOARES	38
<i>We are ancients, as ancient as the sun</i> : Campaniforme, antas e gestos funerários nos finais do 3.º milénio BCE no Alentejo Central RUI MATALOTO	58
Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales ANTÓNIO CARLOS VALERA • ANA CATARINA BASÍLIO	82
O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANDRADE	98
O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade JOÃO LUÍS CARDOSO	126
Entre os estuários do Tejo e do Sado na 2.ª metade do III milénio BC: o fenómeno campaniforme CARLOS TAVARES DA SILVA	142
<i>Entre a Foz e a Serra</i> : apontamentos sobre a cerâmica campaniforme do povoado pré-histórico da Parede (Cascais) VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANTÓNIO ANDRADE • ANDRÉ PEREIRA	158
Ritmos de povoamento e cerâmica campaniforme na área da Ribeira de Cheleiros (Mafra e Sintra, Lisboa) ANA CATARINA SOUSA	170
Campaniforme em Zambujal (Torres Vedras) MICHAEL KUNST	194

Beakers in Central Portugal: social roles, confluences and strange absences	214
ANTÓNIO CARLOS VALERA	
.....	
A looking in view: cultural expressions of Montejunto Bell Beakers	230
ANA CATARINA BASÍLIO • ANDRÉ TEXUGO	
.....	
Bell beaker contexts in Portugal: the northern and the Douro region basin	238
MARIA DE JESUS SANCHES • MARIA HELENA LOPES BARBOSA	
ALEXANDRA MARIA FERREIRA VIEIRA	
.....	
El fenómeno campaniforme en el Sudeste de la Península Ibérica: el caso del Cerro de la Virgen (Orce, Granada)	258
FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ • JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO	
ALBERTO DORADO ALEJOS • MARÍA VILLARROYA ARÍN	
.....	
La cerámica campaniforme del Cerro de la Encina (Monachil, Granada). Nuevas aportaciones al complejo cultural del Sureste	276
ALBERTO DORADO ALEJO • FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ	
JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO • JESÚS GÁMIZ CARO	
.....	
Producción y consumo de cerámica campaniforme en Valencina de la Concepción 00(Sevilla, España): una propuesta interpretativa desde el análisis de los contextos de la calle Trabajadores	288
NUNO INÁCIO • FRANCISCO NOCETE • ANA PAJUELO PANDO	
PEDRO LÓPEZ ALDANA • MOISÉS R. BAYONA	
.....	
Campaniforme y Ciempozuelos en la región de Madrid	302
CORINA LIESAU VON LETTOW-VORBECK	
.....	
Redefining Ciempozuelos. Bell-beaker culture in Toledo?	324
PRIMITIVA BUENO-RAMÍREZ • ROSA BARROSO-BERMEJO • RODRIGO BALBÍN-BEHRMANN	
.....	
La sal y el campaniforme en la Península Ibérica: fuente de riqueza, instrumento de poder ¿y detonante del origen del estilo marítimo?	342
ELISA GUERRA DOCE	
.....	
A metalurgia campaniforme no Sul de Portugal	354
ANTÓNIO M. MONGE SOARES • PEDRO VALÉRIO • MARIA FÁTIMA ARAÚJO • RUI SILVA	
.....	
Workshop Sinos e Taças (campaniformes). Algumas imagens	364
.....	

|||||

ENTRE OS ESTUÁRIOS DO TEJO E DO SADO NA 2.^a METADE DO III MILÉNIO BC: O FENÓMENO CAMPANIFORME

CARLOS TAVARES DA SILVA

Centro de Estudos Arqueológicos (MAEDS)
ctavaressilva@gmail.com

|||||

RESUMO Procede-se a um balanço da informação disponível relativa ao Horizonte Campaniforme (2.^a metade do III milénio BC) da Península de Setúbal. Identificam-se e caracterizam-se, com base em novos dados, os grupos estilísticos Internacional, de Palmela e de Palmela evolucionado/Inciso que, em termos gerais, parecem coincidir com diversas fases do processo de transformação económico-social responsável pelo colapso do modo de produção característico da 1.^a metade do III milénio. Na desintegração dessas sociedades comunitárias atender-se-á em particular à vasta expansão geográfica sobretudo do vaso campaniforme internacional (adoptado como artefacto de prestígio), reveladora de processos de interacção transregionais de larga escala; à fragmentação e dispersão do povoamento; à tendência para a passagem da sepultura colectiva para a individual; à consagração das armas (de cobre arsenical) nos rituais funerários; à ostentação de elementos de adorno, designadamente de ouro e marfim; à substituição dos artefactos ideotécnicos pelos de carácter sociotécnico.

PALAVRAS-CHAVE: cerâmica campaniforme; Horizonte Campaniforme; grupos estilísticos Internacional; de Palmela e Inciso; Península de Setúbal.

ABSTRACT A synthesis regarding the Bell Beaker period (2nd half of the third millennium cal BC) of the Setúbal Peninsula is presented. On the basis of new data, the International, Palmela and evolved Palmela stylistic groups are characterized and associated to the socioeconomic transformations that occurred in the second half of the third millennium cal BC. The arrival of the International Bell Beaker pottery at the region occurred when the Chalcolithic communitarian societies enter in a profound crisis. That prestige item signals a new interaction system that spread over a huge European geography. Onward, the settlement pattern returns to the open and flat landscapes; political power got more centralized. There is a progressive shift from the collective funerary ritual to individual inhumations graves. Mainly in the funerary record it is evident the emergence of elites whose chiefs are the center of a new heroic ideology based on weapons (of arsenical copper) and on exotic and rare adornments made in gold and ivory; the traditional Chalcolithic ideo-technical artifacts are replaced by socio-technical items.

KEYWORDS: Setúbal Peninsula; Bell Beaker pottery; International, Palmela and evolved Palmela stylistic groups.

Na História da Arqueologia portuguesa, a Península de Setúbal distingue-se, entre outros aspectos, por duas importantes contribuições para o estudo do Horizonte Campaniforme: uma ocorrida nos anos 60 do século XIX quando, pelas escavações arqueológicas realizadas na Rotura por Carlos Ribeiro, da Comissão Geológica de Portugal, se verifica o primeiro reconhecimento de cerâmica campaniforme (Cardoso, 2014); outra, da década de 1960, quando novas escavações efectuadas no mesmo arqueossítio, revelaram uma das primeiras sequências estratigráficas para o Calcolítico português, situando o Campaniforme no final desse período (Ferreira & Tavares da Silva, 1970; Tavares da Silva, 1971; Gonçalves, 1971), quando até aí essa cerâmica era identificada com a totalidade do então designado Eneolítico, como é patente na obra *La culture du vase campaniforme au Portugal* de O. da Veiga Ferreira, publicada em 1966. Entretanto, outros arqueossítios com cerâmica campaniforme, identificados na Península de Setúbal (Figs. 1-3), foram sendo objecto de estudo, tendo fornecido elementos que permitem abordar os seguintes aspectos: a diversidade e evolução estilísticas da cerâmica campaniforme; o sistema de povoamento e a organização sociopolítica da 2.^a metade do III milénio BC.

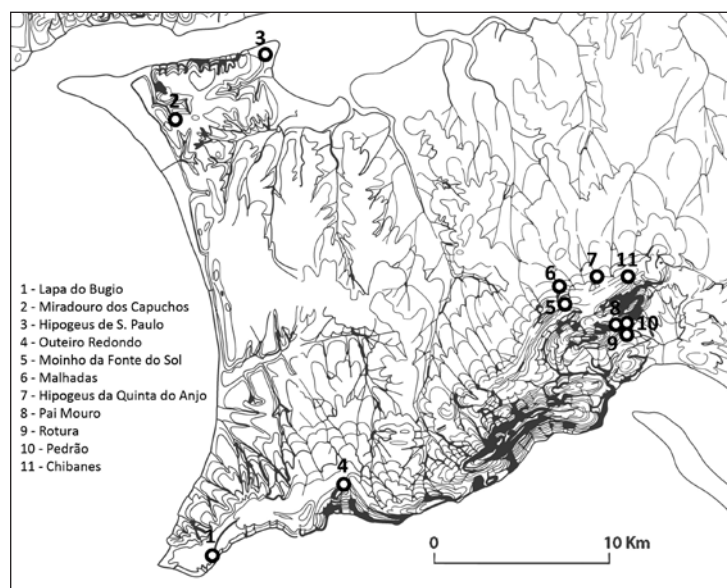


FIG. 1 Sítios (povoados e necrópoles) com cerâmica campaniforme da Península de Setúbal, citados no texto.



FIG. 2 Sítios (povoados e necrópoles) com cerâmica campaniforme do sector oriental da Arrábida, citados no texto.

Grupo estilístico (cerâmica)	Rotura	Chibanes	Outeiro Redondo	Pedrão	Pai Mouro	Moinho da Fonte do Sol	Malhadas	Miradouro dos Capuchos
1 - Canelado	+	+++	+++	+++				
2 - "Folha de acácia"	+++	+++	+++					
3 - Campaniforme internacional	+++	++	+					
4 - Campaniforme Palmela	++	+++	+?	+++	+++	+++	+++	
5 - Campaniforme inciso	+?	+++	+?			+		+++

+ pouco frequente ++ frequente +++ muito frequente

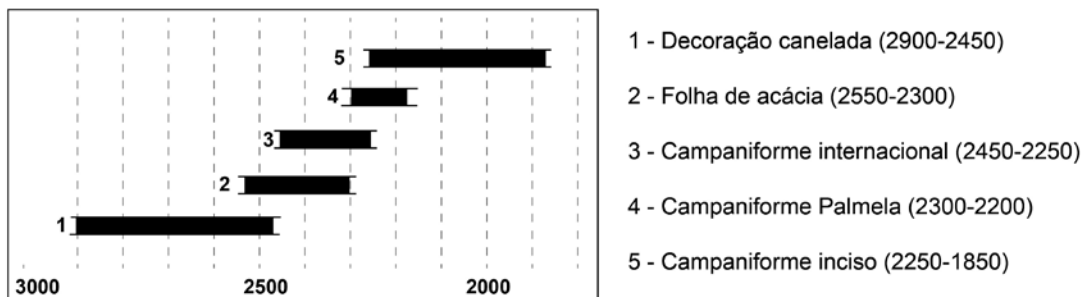


FIG. 3 Distribuição dos estilos cerâmicos do III milénio BC por alguns dos principais sítios de habitad da Península de Setúbal.

EVOLUÇÃO ESTILÍSTICA E CRONOLOGIA

A análise da decoração e morfologia da cerâmica campaniforme da Estremadura portuguesa, em geral, e da Península de Setúbal, em particular, levou-nos a distribuí-la por três grupos estilísticos (Soares & Tavares da Silva, 1974-77): internacional, de Palmela e de Palmela evolucionado/inciso. Estes grupos teriam sido sequenciais, podendo ter coexistido parcialmente.

GRUPO ESTILÍSTICO INTERNACIONAL

É constituído essencialmente por dois tipos de recipientes, ambos de grande expansão geográfica: o vaso campaniforme propriamente dito («internacional» ou «marítimo») e a caçoila acampanada. O primeiro, em campânula invertida, abrange vasta área do continente europeu; na Estremadura portuguesa, com pastas bem depuradas, é quase sempre decorado por bandas horizontais preenchidas por traços oblíquos cuja inclinação alterna de banda para banda. A caçoila acampanada, que, ao longo da fachada atlântica peninsular atinge a Galiza, apresenta motivos decorativos geométricos mais complexos. A técnica utilizada é a impressão pontilhada / linear pontilhada. Na Península de Setúbal, este grupo estilístico está representado sobretudo em povoados calcolíticos fortificados com sequências estratigráficas pré-campaniformes bem marcadas (Rotura, Chibanes, Outeiro Redondo), ocorrendo no topo dessas sequências (Figs. 4 e 6), na 2.ª metade do III milénio BC.

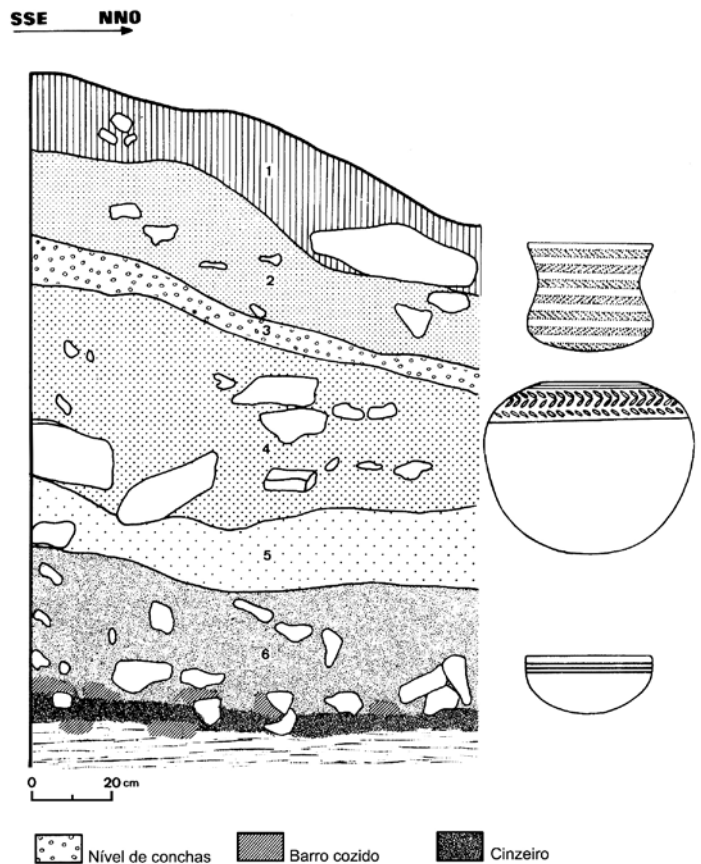


FIG. 4 Perfil estratigráfico da Rotura. A cerâmica campaniforme surge somente no nível superior. Seg. Tavares da Silva & Soares, 1986.

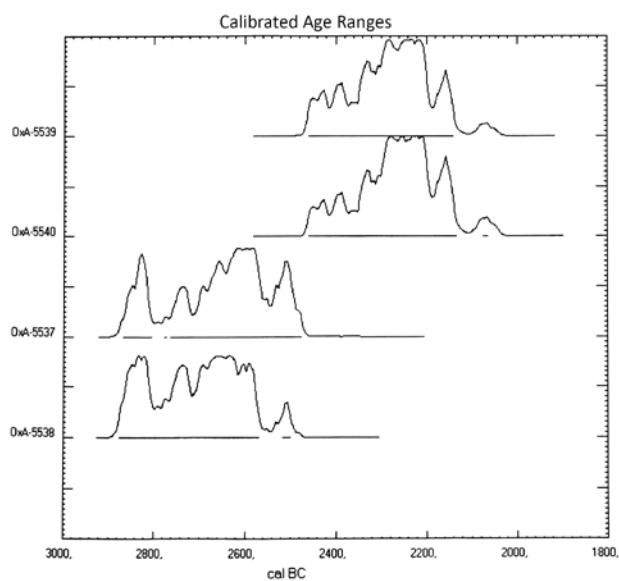
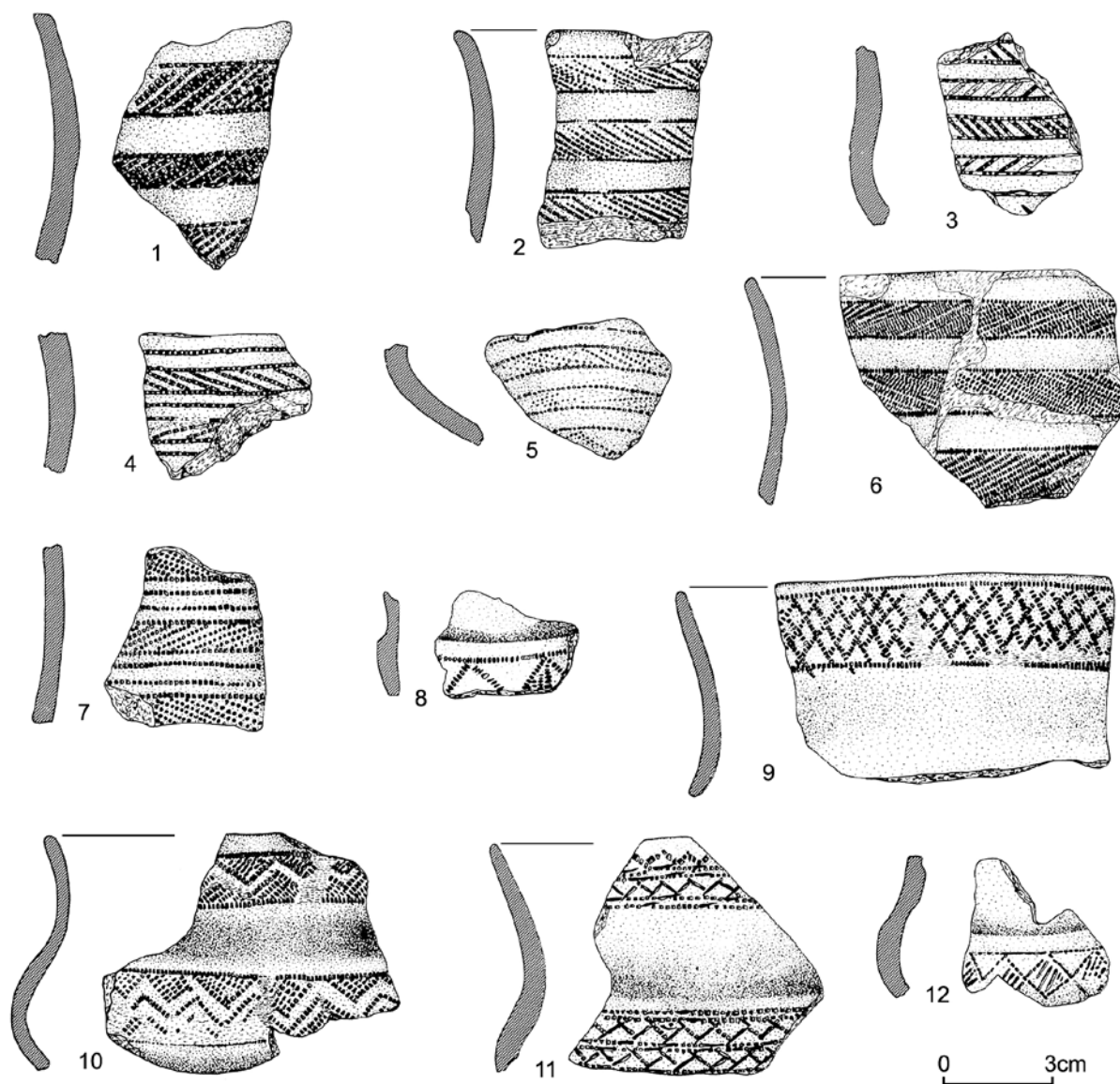


FIG. 5 Cronologia radiométrica para o Castro da Rotura pré-campaniforme. Seg. Gonçalves & Sousa, 2006.

FIG. 6 Rotura, nível superior. Cerâmica campaniforme do grupo estilístico internacional: vasos campaniformes propriamente ditos (n.ºs 1 a 7) e caçoilas acampanadas (n.ºs 8 a 12). Seg. Tavares da Silva & Soares, 1986.



Em contextos funerários, designadamente nos hipogeus da Quinta do Anjo (Soares, 2003) e na Lapa do Bugio (Cardoso, 1992), o grupo internacional é francamente escasso. Dos três grupos referidos, é sem dúvida o de origem mais antiga: apresenta-se como o de maior expansão geográfica, a nível europeu, dando origem, nas diversas regiões, a grupos regionais.

Na Península de Setúbal, essa maior antiguidade é corroborada pelas seguintes observações:

- 1) No Estrato 1 da Rotura, onde o campaniforme internacional é muito frequente, a cerâmica decorada por «folha de acácia», de origem pré-campaniforme, está ainda presente;
- 2) Nas Malhadas e no Pedrão (situado, este último, apenas a 500m da Rotura), onde se isolou o grupo de Palmela, a «folha de acácia», bem como o grupo internacional estão ausentes (Soares & Tavares da Silva, 1974-77; 1975).

Na Estremadura portuguesa, mas fora da Península de Setúbal, mais precisamente no Zambujal, o grupo internacional surgiu isolado numa estrutura de combustão dedicada à actividade metalúrgica, considerada do primeiro período do Horizonte Campaniforme (Harrison, 1977, p. 43).

Este grupo estilístico foi datado na Fase II do Porto das Carretas (Torre M13), onde ocorreu isolado estratigraficamente, no 3.º quartel do III milénio BC – amostras Beta 196681, Beta 204062 e Beta 193743 (Soares & Tavares da Silva, 2010). No Castro da Rotura, o limite superior correspondente às datas calibradas a dois sigma, relativas aos níveis pré-campaniformes é de 2460 cal. BC (Fig. 5) (Gonçalves & Sousa, 2006).

O campaniforme internacional teria sido adoptado provavelmente no 3.º quartel do III milénio, como artefacto de prestígio (atenda-se à qualidade das pastas e ao tratamento das superfícies, verdadeiramente excepcionais); teria substituído o «copo» decorado por «folha de acácia» de meados do III milénio, que, por sua vez, havia substituído o «copo» canelado da 1.º metade do mesmo milénio.

GRUPO ESTILÍSTICO DE PALMELA

A técnica decorativa própria do estilo campaniforme internacional (o pontilhado/linear-pontilhado) teria sido rapidamente assimilada e vulgarizada pela formação social da segunda metade do III milénio, regionalizando-se e dando, assim, origem ao grupo estilístico de Palmela. Ao mesmo tempo que continuava em uso o vaso campaniforme propriamente dito e a caçoila acampanada, a técnica do pontilhado/linear-pontilhado (a incisão contínua é ainda muito rara), desenhando temas essencialmente formados por combinações de traços

horizontais com séries de ziguezagues e/ou de triângulos preenchidos por traços oblíquos, é aplicada a morfologias cerâmicas preexistentes: pratos de bordo espessado e largo; taças em calote de grande diâmetro e de bordo espessado, já presentes no repertório do Neolítico final e que, ao receberem decoração no lábio, passam a constituir o que designamos por taça tipo Palmela; taças em calote de bordo simples; esferoidais e até cadinhos de fundição. Um conjunto cerâmico deste tipo (Fig. 7) foi exumado do único e pouco espesso estrato de ocupação do povoado de cumeada das Malhadas (Palmela), isolando-se estratigraficamente, pela primeira vez, o grupo de Palmela (Soares & Tavares da Silva, 1974-1977). Este arqueossítio ocupa uma alta colina, por um lado, junto aos férteis vales da Pré-Arrábida e, por outro, sobranceira à planície pliocénica do Tejo. A presença, no estrato de ocupação, de numerosas conchas de moluscos marinho-estuarinos de que se destaca a espécie *Venerupis decussata* (ameijoia), indica actividade de recolha nas margens dos estuários Tejo/Sado. A caça (veado e coelho), bem como a criação de gado (ovelha/cabra e boi) foram igualmente documentadas. Os únicos testemunhos da prática da agricultura restringem-se, por enquanto, a escassos elementos de foice (denticulados de sílex). Numerosos cadinhos, minério e escórias de fundição de cobre indicam relevante actividade metalúrgica.

Duas amostras de conchas de *Venerupis decussata* foram analisadas radiocarbonicamente, fornecendo datas (Beta-126090: 4140±70BP; Beta-126091: 3980±70BP) que, uma vez calibradas (Progr. Calib Rev 6.1.0., Marine 09) correspondem ao último terço do III milénio BC.

No Castro de Chibanes, mais precisamente no Estrato 2A do *Locus* I15 (Fase IC das sucessivas ocupações pré e proto-históricas deste castro), sobrejacente a nível rico em cerâmica com decoração de tipo «folha de acácia» (sem campaniforme) e com vestígios da prática da metalurgia do cobre (Fase IB), foram postas a descoberto estruturas de combustão relacionáveis com a metalurgia do mesmo metal (Fig. 8), a par de cadinhos de fundição (Fig. 9) e de um recipiente-forno metalúrgico (caçoila acampanada decorada pela técnica linear-pontilhada). Associada a esta actividade metalúrgica, surgiu abundante cerâmica com decoração campaniforme, toda linear-pontilhada (Fig. 9), distribuída pelas seguintes formas: taça baixa de bordo espessado – taça tipo Palmela –, taça em calote de bordo simples, vaso campaniforme propriamente dito e caçoila acampanada. O vaso campaniforme é decorado por bandas horizontais preenchidas por traços oblíquos; as restantes formas apresentam sobretudo motivos da série dos ziguezagues. Estão ainda presentes motivos em xadrez, triângulos preenchidos por traços oblíquos e, com frequência muito baixa, losangos preenchidos por traços verticais e espinha.

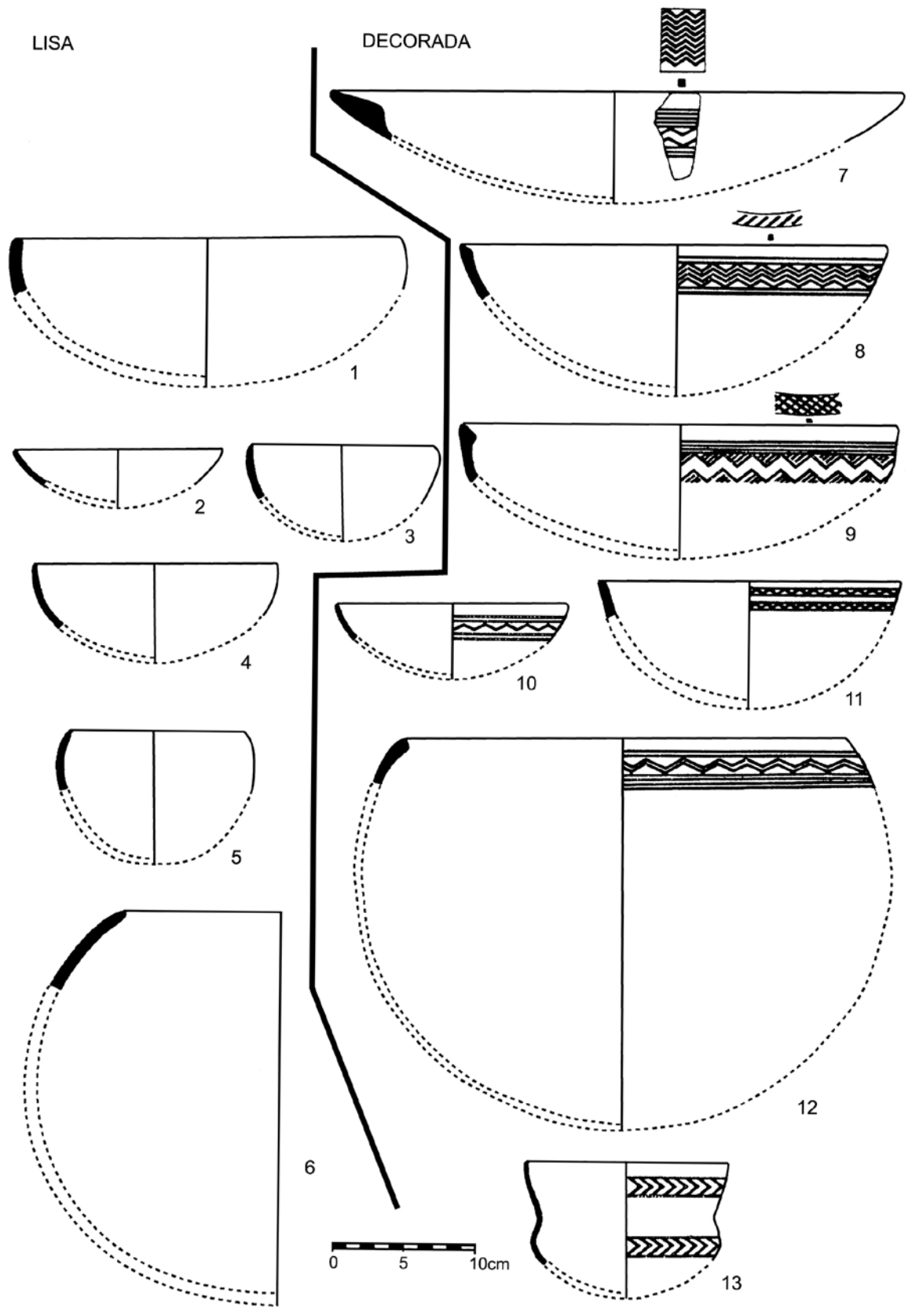


FIG. 7 Malhadas. Cerâmica lisa e campaniforme do grupo estilístico de Palmela. Seg. Soares & Tavares da Silva, 1974-1977.

REF. DE LAB.	CONTEXTO	TIPO DE AMOSTRA	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	DATA ^{14}C (BP)	DATA CALIBRADA* (cal BC)	
					1 σ	2 σ
Beta-187508	Locus J1.C.5 (Fase IA1)	Carvão vegetal	-24,0	4170±70	cal BC 2880-2835 (22%) cal BC 2816-2666 (77%) cal BC 2642-2640 (1%)	cal BC 2904-2573 (100%)
Beta-162911	Locus I15.C.4 (Fase IA1)	Carvão (<i>Quercus</i> sp.)	-25,0	4210±60	cal BC 2899-2850 (31%) cal BC 2813-2742 (47%) cal BC 2728-2694 (19%) cal BC 2686-2680 (3%)	cal BC 2916-2620 (99,7%) cal BC 2602-2601 (0,2%) cal BC 2591-2590 (0,1%)
Beta-296423	Locus H7.C.4C2 (Fase IA)	Carvão vegetal	-23,1	4030±40	cal BC 2616-2616 (0,6%) cal BC 2580-2481 (99,4%)	cal BC 2835-2817 (3%) cal BC 2665-2644 (3%) cal BC 2639-2468 (94%)
Beta-187509	Locus J1.C.4 (Fase IA2)	Carvão vegetal	-24,4	3970±70	cal BC 2577-2429 (77%) cal BC 2425-2401 (10%) cal BC 2381-2348 (13%)	cal BC 2838-2814 (2%) cal BC 2675-2277 (96%) cal BC 2252-2228 (1%) cal BC 2222-2210 (1%)
Beta-296422	Locus J1.C.4 (Fase IA2)	Carvão (<i>Arbutus unedo</i>)	-24,2	3900±40	cal BC 2465-2343 (100%)	cal BC 2479-2280 (97%) cal BC 2250-2230 (2%) cal BC 2219-2211 (1%)
Beta-296424	Locus J1.C.2 (Fase IB)	Carvão (<i>Arbutus unedo</i>)	-23,2	3920±40	cal BC 2472-2396 (65%) cal BC 2393-2391 (2%) cal BC 2385-2345 (33%)	cal BC 2562-2534 (4%) cal BC 2493-2289 (96%)
Beta-246672	Locus I15.C.2B (Fase IB)	Carvão vegetal	-23,9	3950±40	cal BC 2563-2534 (22%) cal BC 2494-2447 (44%) cal BC 2446-2437 (5%) cal BC 2420-2404 (11%)	cal BC 2571-2513 (23%) cal BC 2503-2336 (75%) cal BC 2323-2307 (2%)
Beta-164906**	Locus L12/P10.C.6B/4B (Fase ID)	Conchas (<i>Ruditapes decussatus</i>)	0,0	4200±80	cal BC 2388-2090 (100%)	cal BC 2444-1980 (100%)

* Calculada a partir das datas convencionais de radiocarbono, utilizando a curva de calibração IntCal09 radiocarbon Cal (Reimer *et al.*, 2009) através do programa CALIB REV.6.1.0 (Stuiver & Reimer, 1993).

** Calibrada pela curva marine 09.14c (Reimer *et al.*, 2009) com $\Delta R=95\pm 15$.

QUADRO 1 Chibanes, Fase I (Calcolítico e Bronze Antigo). Datações radiocarbônicas.

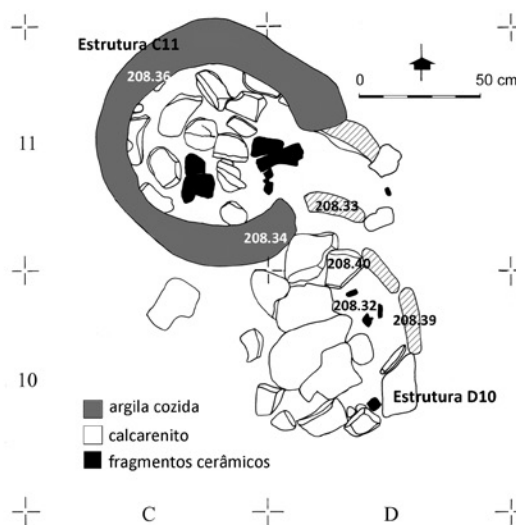


FIG. 8 Chibanes, Fase IC (Locus I15, C. 2A). Estruturas de combustão (K13, C11 e D10) ao serviço da metalurgia do cobre e associadas a cerâmica campaniforme do grupo de Palmela. Seg. Tavares da Silva & Soares, 2014.

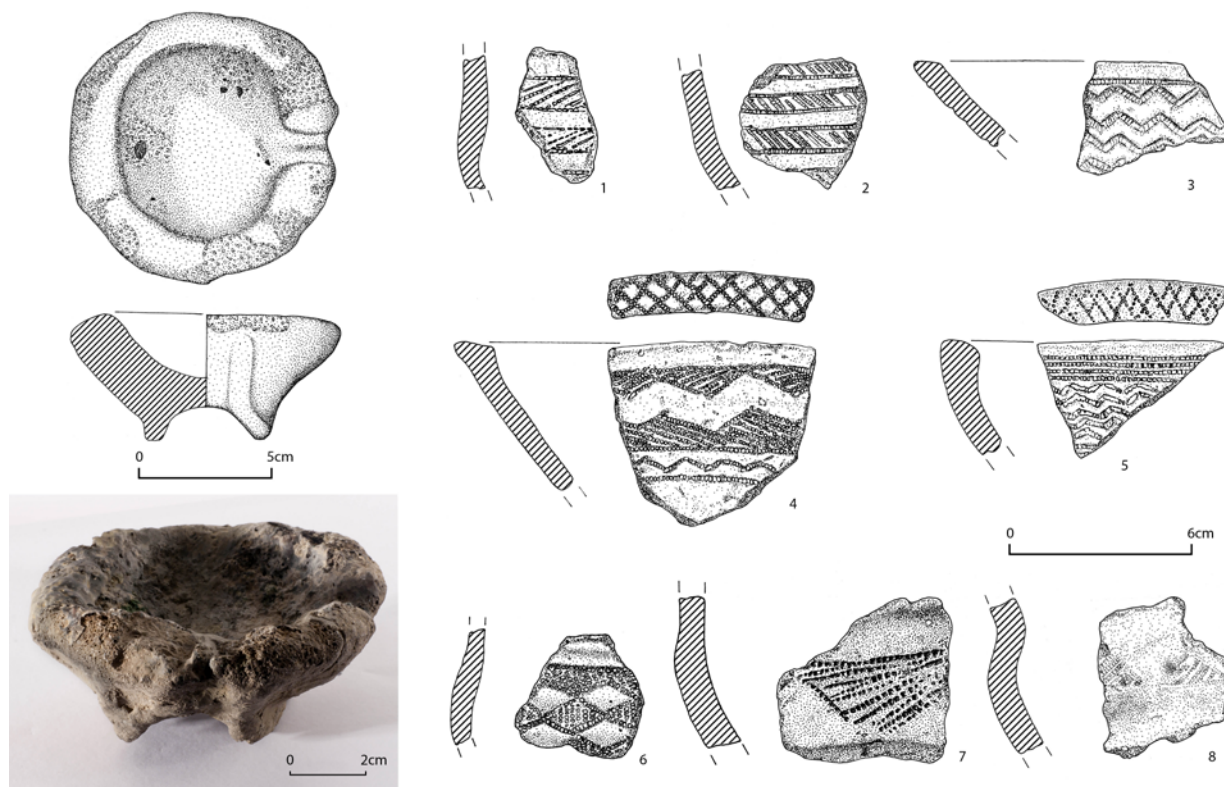


FIG. 9 Chibanes, Fase IC (*Locus* I15, C. 2A). Cadinho de fundição e cerâmica campaniforme do grupo de Palmela. O n.º 8, com decoração linear-pontilhada muito alterada por acção do calor, pertenceu a uma vasilha-forno metalúrgica. Seg. Tavares da Silva & Soares, 2014.

A aparente associação, na Fase IC de Chibanes, do vaso campaniforme às cerâmicas do grupo de Palmela corresponderá à situação de neste grupo estilístico subsistir o vaso campaniforme, ou o Estrato 2A do *Locus* I15 constituirá um palimpsesto que integrou dois grupos estilísticos diferentes pertencentes a momentos distintos do processo evolutivo da cerâmica campaniforme? De notar, como salientámos em outro lugar, que Chibanes não revelou ainda qualquer contexto onde o grupo internacional seja exclusivo: «Os momentos iniciais do Campaniforme ou não se fizeram representar [em Chibanes], ou o eventual escasso número de recipientes desses momentos não marcou presença [em contexto bem definido] na restrita área até agora escavada» (Tavares da Silva & Soares, 2014, p.162-163).

No que respeita à cronologia da Fase IC, esta não foi até agora datada radiocarbonicamente. Porém, verificamos que o horizonte estratigráfico que lhe corresponde é, por um lado, sobrejacente ao nível da Fase IB, com abundante cerâmica de tipo «folha de acácia» e datação radiocarbónica de meados /terceiro quartel do III milénio, e, por outro, anterior ao estrato da Fase ID, com campaniforme do grupo Palmela evolucionado e datável radiocarbonicamente do último quartel do III milénio BC, pelo que é admissível situar a Fase IC no intervalo cronológico de 2300-2200 cal BC (Tavares da Silva & Soares, 2014).

O grupo estilístico de Palmela está ainda bem representado em outros sítios de habitat como o Pedrão (Soares & Tavares da Silva, 1975), Pai Mouro (Tavares da Silva & Soares, 1986) e Moinho da Fonte do Sol (Soares, Barbieri & Tavares da Silva, 1972), bem como em contextos funerários, particularmente bem estudados na Quinta do Anjo (Leisner, Zbyzewski & Ferreira, 1961) e na Lapa do Bugio (Cardoso, 1992).

GRUPO ESTILÍSTICO DE PALMELA EVOLUCIONADO/ INCISO

A rápida evolução do grupo de Palmela conduziu, sob a acção de influências continentais, do grupo de Ciempozuelos, à emergência, ainda na 2.ª metade do III milénio, do grupo de Palmela evolucionado/inciso. Em um primeiro momento, a técnica da incisão surge associada ao pontilhado/linear-pontilhado nos mesmos contextos e, por vezes, nos mesmos recipientes, como se verificou na Fase ID de Chibanes (Fig. 10). Em um segundo momento, a incisão será exclusiva, ou quase (Miradouro dos Capuchos, em Almada – Fig. 11). A par da técnica, a temática decorativa é igualmente evolucionada. Deste modo, no estrato correspondente à Fase ID de Chibanes (C. 6B do *Locus* I12 e C.4B do *Locus* P10), os motivos decorativos são mais diversificados e complexos (por vezes formando combinações de grande barroquismo) que os da decoração exclusivamente

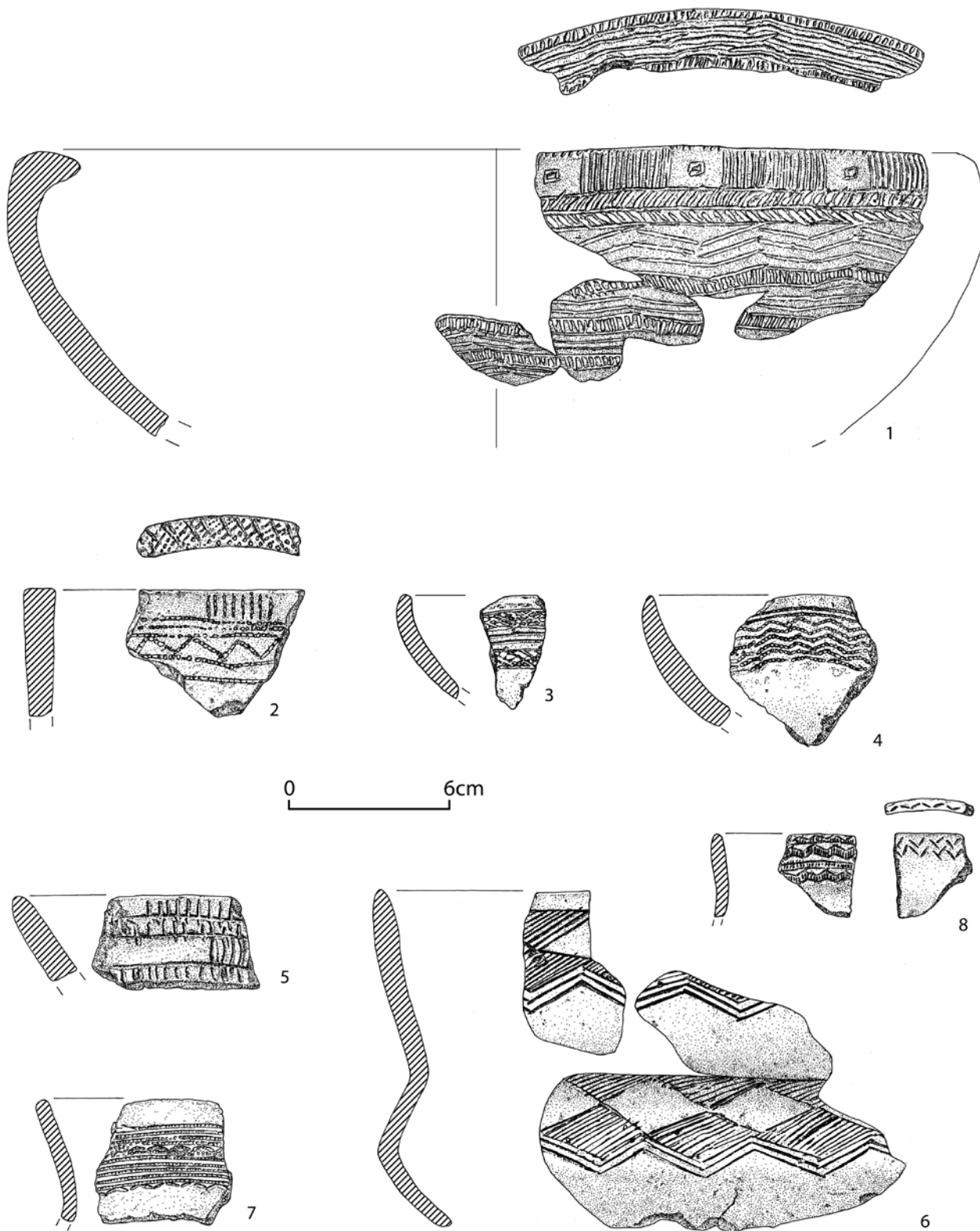


FIG. 10 Chibanes, Fase ID (*Loci* L12/P10, Cs. 6B/4B). Cerâmica campaniforme com decoração linear-pontilhada e incisa do grupo de Palmela evolucionado/inciso. Seg. Tavares da Silva & Soares, 2014.

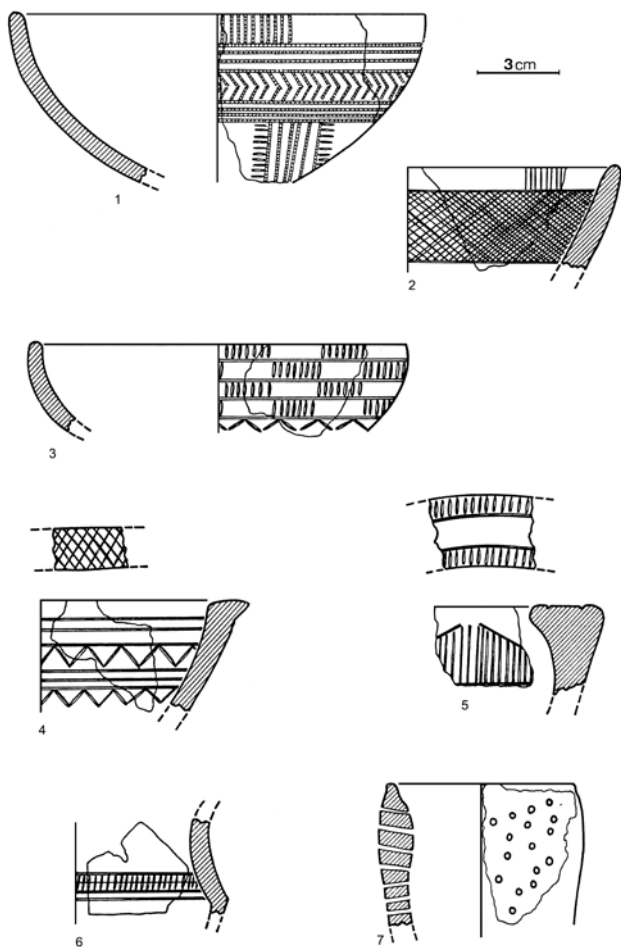


FIG. 11 Miradouro dos Capuchos. Cerâmica campaniforme do grupo inciso, acompanhada por queijeira (n.º 7). Seg. Harrison, 1977.

linear-pontilhada da Fase IC (Tavares da Silva & Soares, 2014). Dos novos motivos, salientam-se, pela sua maior frequência, as bandas rectilíneas preenchidas por traços verticais, as bandas em ziguezague e preenchidas por traços também verticais, e as bandas rectilíneas preenchidas por xadrez (Fig. 12). Um aspecto importante a notar, pelo que revela da assimilação de influências do grupo de Ciempozuelos, consiste na presença de decoração na superfície interna, imediatamente abaixo do bordo, de alguns recipientes.

No que se refere à morfologia, mantêm-se, fundamentalmente, as mesmas formas em ambos os grupos (inclusivamente o vaso campaniforme propriamente dito), mas notam-se novas variantes: caçoilas acampanadas com o bojo carenado; taça tipo Palmela possuindo o espessamento do bordo de secção acentuadamente triangular, formando aresta interna muito vincada.

A Fase ID de Chibanes, que corresponde à decadência (manifestada pelo derrube de muralhas) e final da ocupação do III milénio, foi atribuída cronologicamente ao último quartel do mesmo milénio, com base na data-

ção radiocarbónica de amostra de conchas de *Venerupis decussata* (Beta-164906: 4200±80 BP) e levando em consideração as cronologias das subfases precedentes da sequência ocupacional da Fase I do Castro de Chibanes (Tavares da Silva & Soares, 2014, p. 152).

Em Freiria (Cascais), dataram-se radiocarbonicamente duas amostras de ossos de animais domésticos recolhidas em um dos raros contextos considerados fiáveis com cerâmica campaniforme do grupo inciso. Obtiveram-se os seguintes resultados: Beta- 260301: 3770±40 BP (2340-2040 cal BC, a 2 sigma); Beta-296577: 3630±40 BP (2130-1890 cal BC, a 2 sigma). «Considerando os intervalos das duas datações obtidas, é lícito admitir para a ocupação de carácter habitacional [...] uma cronologia essencialmente situada no último quartel do 3.º milénio a.C., prolongando-se pelos inícios do milénio seguinte» (Cardoso, Cardoso & Encarnação, 2013, p. 543).

As actividades económicas reveladas pelos artefactos e ecofactos exumados dos níveis da Fase ID de Chibanes abrangem a criação de gado, acompanhada de provável produção de queijo, a recollecção de moluscos estuarinos (principalmente da espécie *Venerupis decussata*), a pesca, a produção de instrumentos líticos (em retracção quando comparada com a das fases anteriores) e a metalurgia do cobre.

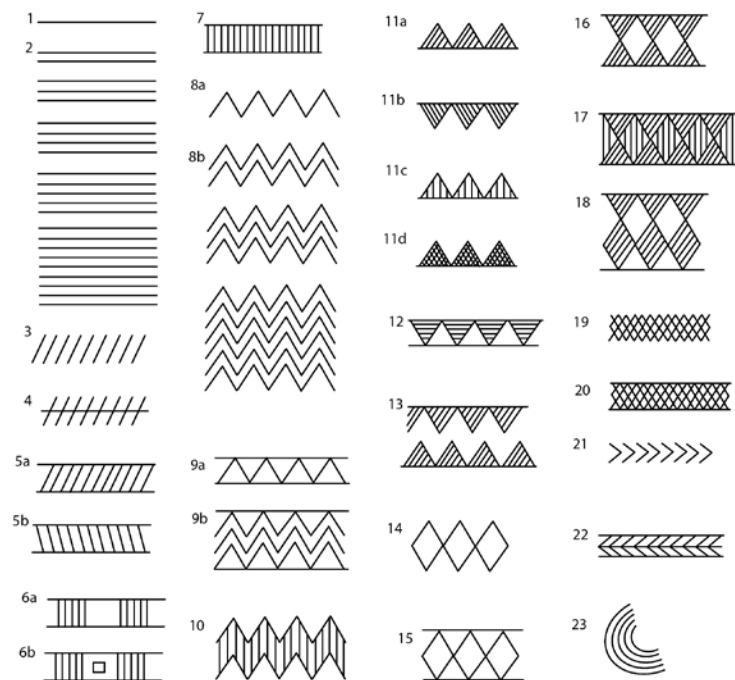


FIG. 12 Chibanes, Fases IC e ID. Motivos decorativos de cerâmica campaniforme (técnicas linear-pontilhada e inciso). Os motivos 1, 2, 5, 6 a, 8, 9, 11b, 13 e 19 são comuns aos grupos estilísticos de Palmela e Palmela evolucionado/inciso; os n.ºs 17 e 21 são exclusivos do grupo de Palmela e os n.ºs 3, 4, 6b, 7, 10, 11a, 11c, 11d, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 22 e 23 são exclusivos do grupo de Palmela evolucionado/inciso. Seg. Tavares da Silva & Soares, 2014.

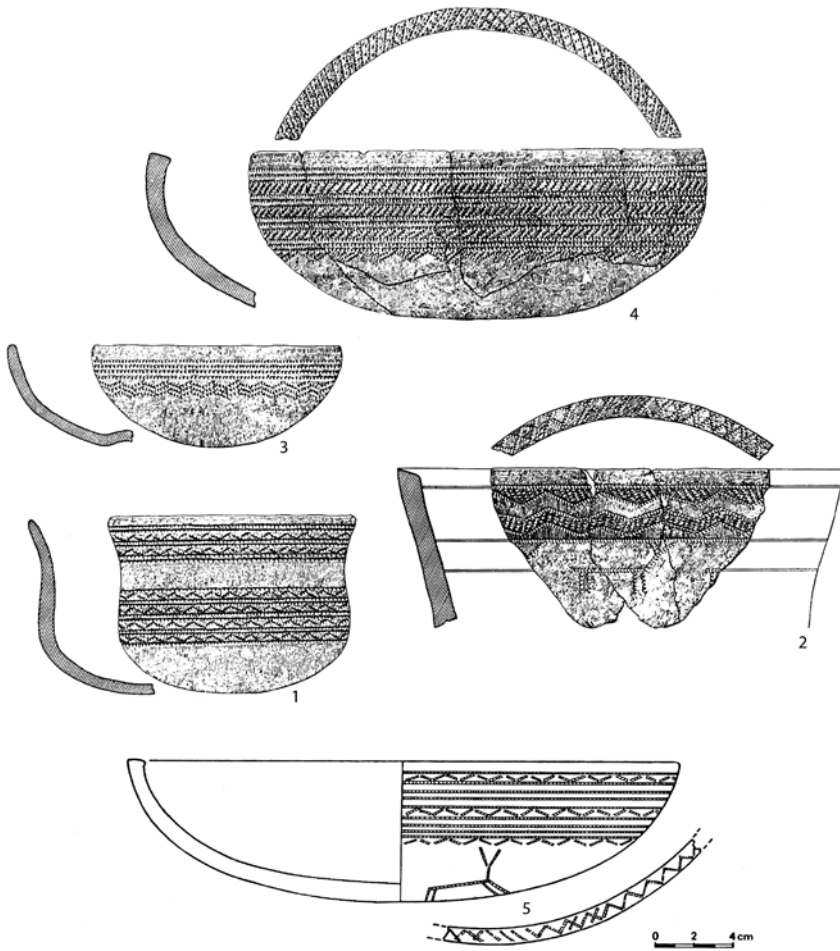
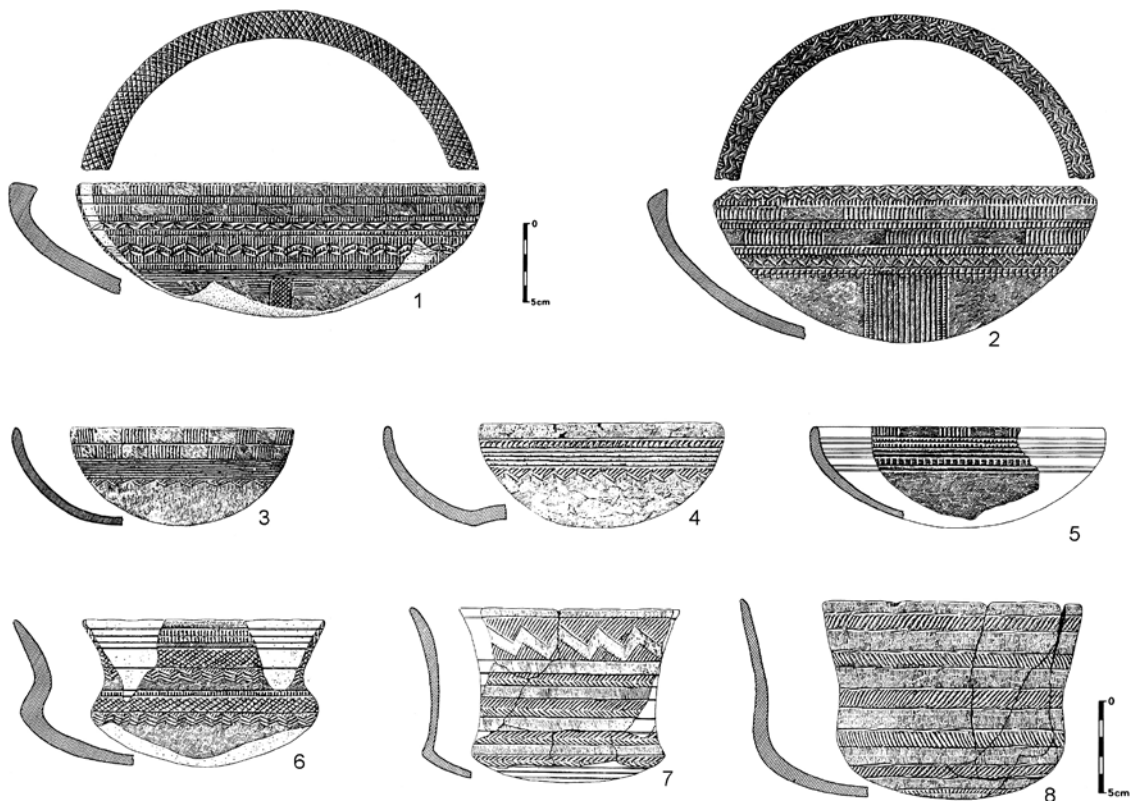


FIG. 13 Hipogeu da Quinta do Anjo. Cerâmica campaniforme do grupo de Palmela. Seg. Leisner, 1965 (n.ºs 1-4) e Pereira & Bubner, 1974-77 (n.º 5).

FIG. 14 Hipogeu da Quinta do Anjo. Cerâmica campaniforme do grupo inciso. Seg. Leisner, 1965.



SISTEMA DE POVOAMENTO

O grupo internacional teria chegado no 3.º quartel do III milénio aos povoados fortificados da Península de Setúbal com ocupação pré-campaniforme. Esses povoados integravam um sistema de povoamento concentrado, representado principalmente por Chibanes, Rotura e Outeiro Redondo (Fig. 15). O mesmo grupo estilístico ocorre, em percentagens reduzidas, nas necrópoles do III milénio da Quinta do Anjo, Lapa do Bugio e hipogeu 2 de São Paulo, em Almada (informação pessoal de Luís Barros).

Com o grupo de Palmela, verifica-se uma dispersão do povoamento (Fig. 16): por um lado, os povoados fortificados que haviam sido habitados no Calcolítico antigo e médio e aquando do grupo campaniforme internacional continuam a ser ocupados (Rotura e sobretudo Fase IC de Chibanes); por outro, surgem novos povoados, em geral de pequenas dimensões (Pedrão, Pai Mouro, Moinho da Fonte do Sol, Malhadas), implantados em lugares de altura, detentores de condições naturais de defesa, mas desprovidos de estruturas defensivas de natureza pétrea. Assim, altera-se o padrão locativo mais comum do povoamento da 1.ª metade do III milénio: o concentrado dá lugar ao povoamento disperso.

Os ambientes sepulcrais, nomeadamente os hipogeus da Quinta do Anjo e a Lapa do Bugio, utilizados



FIG. 15 Sector oriental da Arrábida. Povoados com cerâmica campaniforme do grupo internacional.



FIG. 16 Sector oriental da Arrábida. Povoados com cerâmica campaniforme do grupo de Palmela.

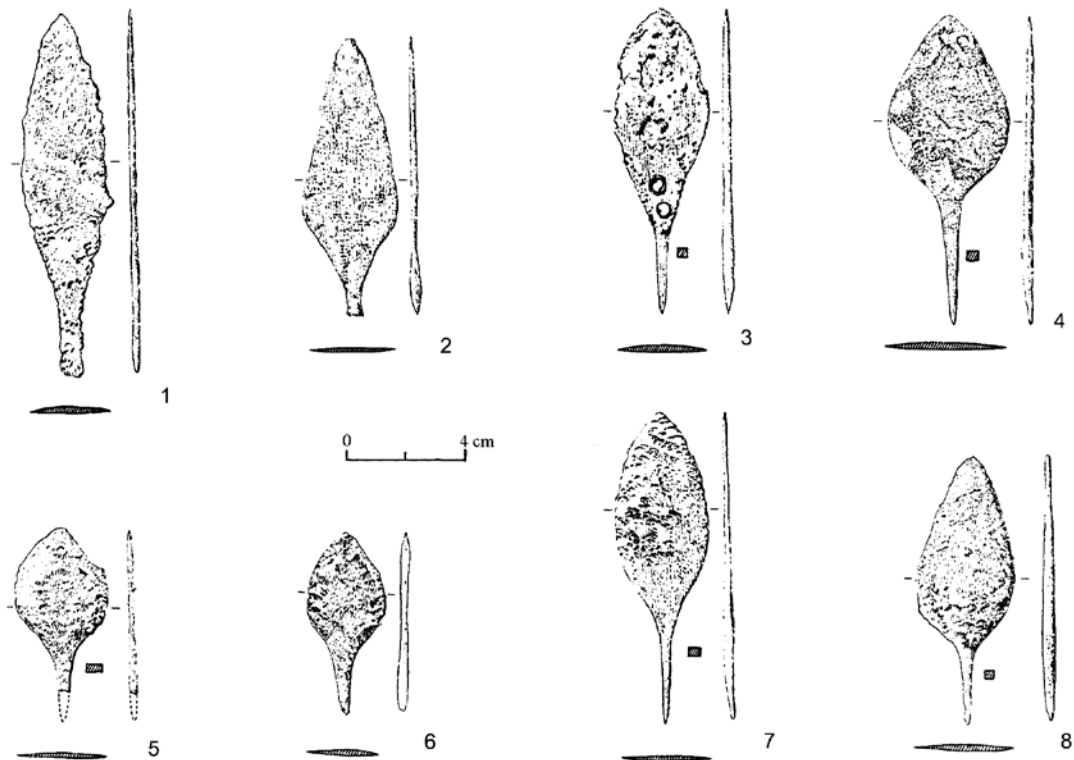


FIG. 17 Pontas de tipo Palmela, de cobre, provenientes dos hipogeus da Quinta do Anjo. Seg. Leisner, 1965.

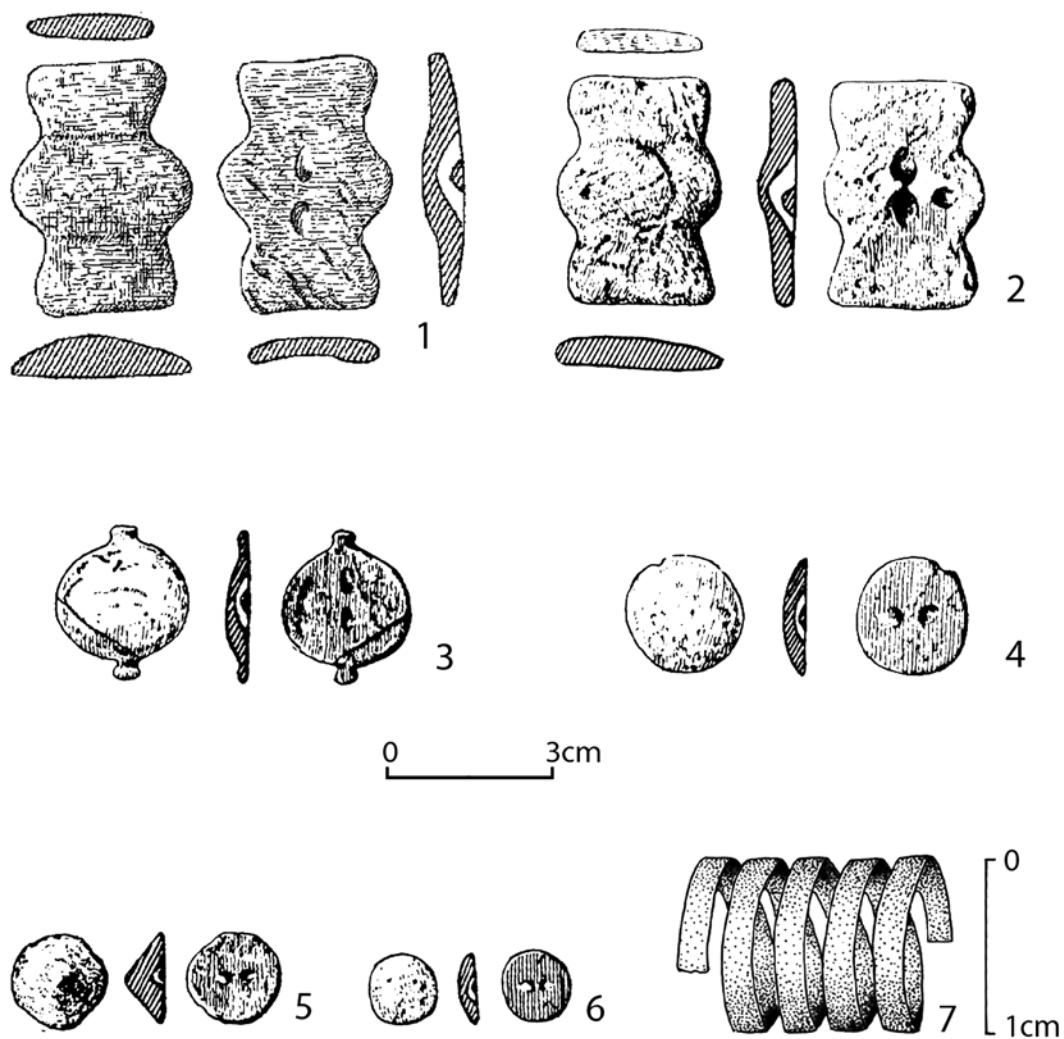


FIG. 18 Elementos de adorno (botões de osso e marfim e espiral de ouro), exumados dos hipogeus da Quinta do Anjo. Seg. Leisner, 1965 (n.ºs 1 a 6) e Soares, 2003 (n.º 7).

desde o Neolítico final, oferecem um número significativo de recipientes cerâmicos pertencentes a este grupo estilístico. Da primeira destas necrópoles exumaram-se numerosos artefactos metálicos (pontas de lança tipo Palmela de cobre – Fig. 17 – e espiral – Fig. 18 –, folhas e tubos de ouro), de pedra (braçais de arqueiro), de osso e marfim (botões com perfurações em V – Fig. 18), peças que ocorrem com este grupo cerâmico e com o inciso.

No Miradouro dos Capuchos (Almada), um povoado aberto, o grupo inciso surge isolado (Bubner, 1979). Fora da Península de Setúbal, mas na Estremadura, são já numerosos os sítios abertos onde a decoração campaniforme incisa é exclusiva ou quase: Montes Claros (Harrison, 1977); Negrais, Pianos II, Funchal II, Alto do Montijo (Carneiro, 1991); Freiria (Cardoso, Cardoso & Encarnação, 2013).

Nota-se, pois, que o povoamento correspondente a este grupo estilístico continua a ser disperso, incluindo agora, não só povoados de altura (Fase ID de Chibanes), mas também sítios abertos, sem defesas naturais.

Nos sepulcros da Quinta do Anjos, bem como na Lapa do Bugio, o campaniforme inciso torna-se dominante.

ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

O Horizonte Campaniforme coincide, em termos sociopolíticos, com o período de transição entre as formações sociais comunitárias da 1.^a metade do III milénio e as acentuadamente hierarquizadas da Idade do Bronze. O colapso do modo de produção que caracterizou a sociedade do Calcolítico inicial e pleno da Estremadura portuguesa e, por conseguinte, também da Península de Setúbal, ficou a dever-se às contradições internas, económico-sociais, inerentes a esse modo de produção. Contradições «que viriam a bloquear o desenvolvimento das forças produtivas: por um lado, a elevada fragmentação dos territórios / inexistências de estâncias de poder supralocais / forte competição por solo agrícola / guerra generalizada, e, por outro, a

impossibilidade de desenvolvimento da metalurgia no quadro da compartimentação territorial e sociopolítica [...]. Esta compartimentação limitava a procura, dificultava o acesso às matérias primas, impedia a especialização da actividade metalúrgica» (Soares & Tavares da Silva, 1998 e 2000; Soares, 2003, p. 196).

Logo no 3.º quartel do III milénio, com a chegada do campaniforme internacional, assistimos à emergência de um fenómeno de expansão geográfica a uma escala sem precedentes (Tavares da Silva & Soares, 2006). As amplas redes de interacção transregionais terão fortes implicações «não só nas economias locais, estimulando a produção e o consumo, mas também no processo de complexidade social, ao criarem condições favoráveis à apropriação do poder pelas elites por via [...] da emulação competitiva» (Soares, 2003, p. 102).

A dispersão do povoamento, coincidente com o aparecimento do grupo estilístico de Palmela e que parece acentuar-se aquando do grupo inciso, pode precisamente indicar a formação de centros de poder (Fase IC de Chibanes, por exemplo) que passarão a dominar e a «defender» os novos povoados, integrando territórios

mais vastos que os do período do campaniforme internacional, quando o sistema de povoamento era concentrado.

A análise, no âmbito das economias do simbólico, a que procedeu Joaquina Soares (2003), dos monumentos sepulcrais da Quinta do Anjo levou-a a identificar destacados personagens que aí teriam sido tumulados, relacionando-os com a consagração das armas (de cobre arsenical) nos rituais funerários, com a ostentação de numerosos elementos de adorno (de marfim e ouro) aí depositados, em suma, com a substituição dos artefactos ideotécnicos pelos de carácter sociotécnico. A mesma autora propõe então, como modelo sociopolítico para o último quartel do III milénio, um sistema caracterizado: pela desagregação da estrutura comunitária da 1.ª metade desse milénio, que dará lugar a estrutura de tipo chefatura incipiente; pela apropriação dos excedentes por chefes guerreiros que assumiriam lideranças personalizadas; e pelo reinvestimento de excedentes de bens de prestígio, ao serviço da promoção de líderes em que se concentraria a riqueza acumulada (Soares, p. 207).

PERÍODO	ESTRUTURA SOCIAL	APROPRIAÇÃO DOS EXCEDENTES	REINVESTIMENTO DOS EXCEDENTES
Neolítico final	Comunidades segmentárias. Relações de produção assentes no parentesco.	Por linhagens com mais prestígio, recorrendo a mecanismos de ritualização-culto dos antepassados. Sociedade tributária pré-estatal.	Estruturas de carácter mágico-religioso (recintos megalíticos e sepulturas colectivas; rituais dirigidos para o reforço da coesão grupal; competição interlinhageira).
Calcolítico inicial e pleno	Comunidades de base residencial, organizadas por relações de parentesco e vizinhança.	Por chefes comunitários.	Estruturas de interesse colectivo (p. ex. fortificações); festas; rituais; produções de carácter ideotécnico destinadas ao reforço da coesão intragrupal.
Bronze Antigo (campaniforme evolucionado)	Desagregação da estrutura comunitária calcolítica.	Por chefes-guerreiros – lideranças personalizadas.	Economias de bens de prestígio; promoção dos líderes e de suas alianças supralocais. Concentração de riqueza e prestígio, fomento da desigualdade e de complexidade sociais.

QUADRO 2 Modalidades de apropriação e de reinvestimento dos excedentes nas sociedades do final do Neolítico, do Calcolítico e do Bronze antigo (fase tardia do Horizonte Campaniforme) da Estremadura. Seg. Soares, 2003, modificado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUBNER, T. (1979) – Die Aneolithische Siedlung auf dem Miradouro dos Capuchos. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 20, p. 11-42.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 9-10, p. 229-245.
- CARDOSO, J.L. (2014) – Manifestazioni del Vaso Campaniforme nel território portoghese. In MARINIS, R. C. DE (ed.) – *La manifestazioni del sacro e l'età del Rame nella regione alpina e nella pianura padana*. Edizioni Euroteam, p. 279-319.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (2013) – O campaniforme de Freiria (Cascais). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. MONGE; MARTINS, J. M. MATOS (2010-2011) – Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, p. 553-578.
- CARNEIRO, A. (1919) – Contribuição para o estudo do Calcolítico e do Bronze inicial na região de Sintra. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 227-236.
- FERREIRA, O. da V. (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- FERREIRA, O. da V.; TAVARES DA SILVA, C. (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 203-225.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O Castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2006) – Algumas breves reflexões a propósito de quatro datas ¹⁴C para o Castro da Rotura, no contexto do 3.º milénio a.n.e. nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 24, p. 233-266.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker culture of Spain and Portugal*. Peabody Museum/Harvard University.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. Col. Madrider Forshungen Band 1/3.
- LEISNER, V.; ZBYZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. Memória 16, Nova Série.
- PEREIRA, M. A. Horta; BUBNER, T. (1974-77) – Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 7-9 (S.III), p. 113-118.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricas da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J.; BARBIERI, N.; TAVARES DA SILVA, C. (1972) – O povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo, Palmela). *Arqueologia e História*. Lisboa. S. 9, 4, p. 235-268.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1974-1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série 3, 7/9, p. 102-112.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1998) – From the collapse of the Chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the Southwest of Iberian Peninsula. In JORGE, S. O. (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA, p. 231-245.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2000) – Capturar a mudança na Pré-história recente do Sul de Portugal. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. p. 213-224.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2010) – Campaniforme do Porto das Carretas (Médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (eds) – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal; Lisboa: UNIARQ, p. 225-261.
- TAVARES DA SILVA, C. (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura: notas sobre a cerâmica. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Lisboa: Junta Nacional de Educação, 1, p. 175-192.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2006) – *Territórios da Pré-história em Portugal: Setúbal e Alentejo Litoral*. Tomar: CEIPHAR – Centro Europeu de Investigação da Pré-histórica do Alto Ribatejo.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 15, p. 105-172.